



GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — **JOÃO JOSÉ BAPTISTA**

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 27

Fevereiro — 1883

2.º anno

D. ESTANISLAU FIGUERAS

Os acontecimentos politicos de Hespanha teem succedido, desde 1868, por movimentos tão bruscos e tão extranhos as leis a que a sociologia subordina a evolução dos povos cultos, que, sem incorrer em grave erro de apreciação, podemos afirmar que uma desharmonia e rivalidade profundas repellem entre si os elementos preponderantes da sua sociedade.

Varias teem sido as tentativas oppostas a essa corrente repulsiva — a conferencia de Biarritz, a colligação dos grupos democraticos e a formação da esquerda dynastica, mas todas ellas só conseguiram fulgores ephemeros e o arduo problema ainda continua insolúvel. E' facto que alguma cousa se tem conseguido n'este sentido, mas tão pouco que apenas pode ser comparado á primeira formula de um emaranhado calculo transcendental, ainda por desinvolver e em cujas variaveis principaes discordam os analysts.

Compunge o coração e assoberba a mente o ver este povo, que pelo brilhantismo dos fastos da sua historia, pela energia do seu character, pela illustração dos seus homens politicos, pela sua posição geographica, pela extensão dos seus dominios e pela largueza da sua lingua, devera ser um dos gigantes da terra, quicá o primeiro, conservar-se ainda abatido e humilhado ante a civilisação europea a ponto de submisso mendigar a sua admisión ao concerto das grandes potencias, onde se assenta já a Italia, onde em breve commungará a Grecia e onde de ha muito intriga a Turquia.

Absorvidos completamente n'uma luta de formas, que não de principios, os estadistas da Nação visinha dão por instantes treguas ao seu acrisolado amor partidario quando no horizonte politico da sua imaginação irrequieta desponta o ideal da *União Iberica*, como se as tradições secu-

lares de um povo podessem ser eliminadas por caprichos de momento. Como os alchymistas que se embebem na descoberta da pedra philosophal, ou como os mechanicos reles que se afadigam improficuamente na investigação da pre-existencia

União Iberica, effectuada sob a forma monarchica, começa a cair em desuso e que os orgãos da opinião publica dos dois povos de Peninsula, esquecidos das luctas fraticidas impostas pela vontade dos despotas, se confraternizam na grandiosa idéia da união dos povos, sem que d'essa união provenha a eliminação da sua reciproca autonomia. A philosophia d'esses dois povos riscara de ha muito do seu coração esses ressentimentos para os quaes só appellam os espiritos egoistas, e frequente é o vêr-se, na nossa capital como em Madrid, portuguezes e hespanhoes convivendo nas mais intimas relações.

Se, porém, este facto demonstra o quanto em Hespanha o espirito publico tem subido de nivel, não é contudo elle symptoma bastante para revelar o retempero da sua energia nacional. Quem não tenta escravizar é incapaz de admitir que o escravizem; mas não basta ao homem como ás nações o pomposo nome de livres, é mister que o sejam e que a liberdade corresponda um certo numero de garantias que a tornem proficua. O afeiçado gosa de uma certa liberdade, e contudo não deixa de ser preso.

A situação da Hespanha se não é idêntica á de um afeiçado, é quasi semelhante. Não a impuzeram, adquiriu-a. Revolve-se no seu proprio seio em pequenas disenções de formulas, de metaphysicismo politico e de galhardia individual; é-lhe portanto vedado o ingerir-se em assumptos de interesse commum a toda a humanidade; não lhe sobra tempo para isso.

Um facto analogo, se bem que muito inferior em intensidade se observa igualmente em França, na actualidade, e isto devera servir-lhe de exemplo. E demais a França dispõe de recursos que a Hespanha está bem longe de poder ambicionar. Mas os estadistas hespanhoes, que, com fundo criterio e belleza de dicção, analysam a situação franceza, esquecem-se



D. ESTANISLAU FIGUERAS

da força ou do movimento, caminham elles de desapontamento em desapontamento, de desillusão instantanea em desillusão instantanea, para de novo e periodicamente concentrarem as suas forças e os seus empenhos nas questiunculas primitivas, onde de ha muito se esterilizam e se gastam.

Felizmente que essa monomania de

dos proprios erros e procedem como uns certos individuos que possuem uma vista apurada para verem o argueiro nos olhos do visinho, o que comtudo os não colloca em condições de verem a tranca que trazem nos seus.

Esse erro que em França se manifestou desde a constituição do ministerio Gambetta e que hoje tende a desaparecer, graças ao centro esquerdo da representação nacional, essa divergencia fundada em formulas inopportunas dos varios grupos do partido democratico, essa divisão de familia, permita-se-nos a expressão, em parte alguma como na peninsula ibérica tem sido um tão poderoso elemento dissolvente da constituição politica baseada nos sãos principios do Direito moderno. Na Hespanha vingou ella de uma forma mais energica: — fez baquear a Republica de 1873 e caducar a constituição de 1869.

E nem de outro modo se pode explicar que um paiz que possua um Castellar, um Serrano, um Montero de los Rios, um Pi y Margall, um Zorrilla, um Salmeron, um Labra, um Martos, um Sagasta e outros que taes cuja voz e cujos escriptos tem por vezes occupado a attenção de todo o mundo civilisado; que um paiz em que os tres quintos proxiamamente do jornalismo representam os orgãos das ideas avancadas; que um paiz em que um só grupo republicano possui vinte e seis jornaes, dos quaes treze diarios, não tenha podido impor sequer uma constituição politica, desde 1873, ha nove annos proxiamamente, que o isente ou o ponha em condições de arcar contra as intrigas da sachristia e as da camarilha do Alcaçar.

A explicação do abatimento em que a Hespanha se encontra, não obstante o haver ella progredido consideravelmente, nos ultimos tempos, nas artes e industrias, resume-se, para nós, nas seguintes palavras: — rivalidade ou despeito pessoal entre os chefes dos varios grupos democraticos. É isso o que impede e tem impedido até hoje a rivalidade do texto da constituição de 1869; foi isso que forçou D. Estanislau Figueras y Moragas, o eminente tribuno e uma das glorias do fóro hespanhol, cujos traços biographicos passamos a esboçar, a abandonar a presidencia da Republica da qual elle fora um dos mais devotados campeões.

*
*
*

D. Estanislau Figueras y Moragas nasceu em Barcelona, aos 13 de novembro de 1819, e falleceu em Madrid, aos 11 de novembro de 1882.

Em 1837, ainda estudante de Direito, alistava-se elle nas fileiras do partido *pro-gressista*, que n'aquella epocha representava as aspirações mais radicaes. Reconhecendo porém em breve que mais longe o guiavam os seus instintos democraticos, declarou-se abertamente republicano em 1840. Figueras terminou o curso em 1842.

Foi deputado em varias legislaturas, sendo eleito pela primeira vez em 1851, pelo circulo da sua terra natal. Na Constituinte de 1873, Figueras obteve a quarta parte da totalidade dos votos emitidos pelo paiz. Este facto, que cremos ser singular nos annaes do systema representa-

tivo, revela bem a alta consideração em que era tido.

Em 1854 foi nomeado membro da junta revolucionaria de Tarragona, e n'esse mesmo anno, aos 30 de novembro, votava elle, e mais vinte deputados, a eliminação da monarchia pela proclamação da republica. Desempenhou durante essa legislatura um papel importantissimo, e d'essa epocha datam os seus foros de eminente tribuno e de habil polemista.

Em 1867 foi preso e desterrado para Abis, d'onde regressou por occasião da revolução de 1868.

Pelos seus reconhecidos meritos foi o primeiro presidente da Republica em 1873, eleito pelo Congresso aos 11 de fevereiro, dia em que se proclamou essa forma do governo.

Com uma modestia ainda não observada em homem algum politico, e de accordo com Pi y Margall, Figueras foi pessoalmente a Barcelona, em maio do mesmo anno acalmar o movimento federalista intransigente, que tendo á sua frente o coronel Maza pretendia proclamar o «Estado Catalão». Oito dias permaneceu elle na cidade que o vira nascer, sem apparatus officiaes e entre geraes testemunhos de sympathia.

Em 21 de abril, tendo fallecido sua esposa, Figueras encarregou Pi y Margall de exercer a presidencia do supremo poder até 28, dia em que reassumiu as suas funcções. Era tão trabalhador que ás sete da manhã o encontravam no seu gabinete, occupando-se já dos negocios do Estado.

A lucta desesperada dos partidos e mais que isso os despeitos e rivalidades dos varios grupos republicanos, que já então começavam de accentuarem-se ferozes, obrigaram Figueras a pedir a demissão da presidencia pouco tempo depois de eleito, sendo porém forçado a continuar n'ella provisoriamente até 12 de junho, data em que a abandonou de vez partindo para o estrangeiro.

A saída da presidencia acarretou-lhe graves censuras e incriminações, tornando-se mais salientes n'esta ingloria cruzada os proprios que pelas suas exigencias desmarcadas e pelas intransigencias inopportunas o haviam impellido a isso.

A nossa missão de biographo impõe-nos a obrigação de mencionarmos aqui uma apreciação d'esse facto, do qual tivemos conhecimento por informação de individuo que nos merece plena confiança. Longe de nós a menor idea de pretender seguir, mencionando essa apreciação, lançar a menor sombra de desluzo sobre o vulto sympathico de Estanislau Figueras. O nosso fim é todo outro: — fornecer aos leitores o maior numero de esclarecimentos e informações acerca d'essa individualidade, uma das mais fecundas da Nação visinha. Bem sabemos que esta nossa confissão não fará fé para muitos; mas como somos pouco conhecidos pouco perdemos com isso.

Perguntando-se a um notavel estadista hespanhol e um dos que mais se empenharam para que Figueras não abandonasse a presidencia o motivo d'essa demissão, respondeu elle sobre o assumpto cousa que pode ser traduzida pelas seguintes palavras:

«É facto que as paixões se agitavam violentas n'aquella occasião, mas não foi só

isso que moveu Figueras a pedir a sua demissão. Figueras vivera sempre da popularidade e para ella vivia. Possuindo todas as virtudes como todas as coragens, faltava-lhe comtudo uma: — a de afrontar a impopularidade em caso de revez.»

Durante o curto periodo do seu governo, Figueras teve sempre em mira a politica de conciliação, e a consolidação da republica por leis liberaes. Uma das medidas mais generosas adoptadas pelo seu governo foi a abolição da escravatura. «Nem mais uma gota de sangue — dissera elle — antes a demissão.»

Figueras foi infeliz, não conseguindo levar a effeito os seus planos; outros, porém, que lhe succederam foram do mesmo modo infelizes, se bem que mudassem de tactica.

D. Estanislau Figueras morreu quasi pobre, e com a sua morte perdeu a democracia hespanhola um dos mais ardentes, dos mais constantes e dos mais sympathicos dos seus caudillos. Morreu aos sessenta e tres annos tendo de trabalhar ainda mais que quando joven, pois preferiu sempre tirar recursos da sua banca de advogado que perceber a pensão de 40:000 reales a que tinha direito como ex-presidente de republica.

Terminaremos este esboço, transcrevendo o seguinte eloquente trecho de um artigo publicado na *Discussion* de 12 de novembro de 1882, por occasião da morte do illstre cidadão, devido á primorosa penna, se não nos enganamos, de D. Bernardo Garcia.

«Se as côrtes hespanholas perderam o grande parlamentar, o fóro o illstre jurisconsulto, a democracia o homem consequente até á tenacidade, honrado até ao martyrio, entusiasta e ardente até ao delirio, habil na medida das circumstancias, sem se deixar embulhar por ellas, simples no meio da elevação do talento, e da grandeza, constante á prova de contrariedades e de desgraças, desinteressado até sofrer a pobreza com a maior abnegação, finalmente republicano e democrata em todos os momentos da sua vida e nas acções ainda mais insignificantes, a patria tambem, a Hespanha deve de chorar como um de seus filhos mais illustres n'este periodo da historia em que brotaram do seu seio tantos e tão esclarecidos varões».

G. B.

As reformas politicas

Se o Povo, desde ha muito, não estivesse costumado ás exhibições grotescas dos saltimbancos da politica constitucional, talvez se deixasse illudir pelas premeditadas reformas, propostas em côrtes, pelo sr. Fontes Pereira de Mello, o chefe supremo d'este bando desorganizado da monarchia portugueza. Assim ri-se da farça, assobia, sapateia e não é de extranhar que acolha as futuras representações com corças de rabetes e bouquets de cenouras, distribuidos á farta pelos actores do galhofeiro entremez, composto, á sorrelha, nas horas vagas das devassidades governativas, com musica de violoncello e cavaquinho, em duo amigo e lecoquiano.

Ha pouco mais d'um anno dizia no parlamento o sr. presidente do conselho nada menos e nada mais do que as palavras

que ha dias reproduziu, na camara alta, o sr. visconde de Moreira de Rey, isto é, que a *Carta adorada* d' este paiz de luminarias e salamanqueiros era o melhor codigo conhecido entre todos aquelles por que se regem os povos do universo, incluindo os Estados Unidos da America e não pondo de parte a Suissa e outras nações, onde a dignidade, a economia e o bom senso presidem á direcção dos negocios do estado. Afirmava então s. ex.^a o amor da monarchia pelo seu povo e como provas de tão singular e devotado affecto contribuiu o pão, o sal e a luz e mandou fusilar os pobres que tiveram a loucura de gritar, nas horas de desespero:

— Não podemos pagar tanto, os nossos filhos tem fome, os nossos armarios não tem conducto e a escova d' arame, que nos passa a monarchia sobre as homoplatas, arranca-nos a pelle dolorosamente.

Para abafar estes gritos de miseria e de protesto lá foi o sr. Fontes e a reallea, entre o esfusiar retumbante dos foguetes de dynamite mal empregada e o estrondo chinfrim d' uns hymnos soprados em clarins sertanejos, escarnecer da desgraça e das lagrimas do Povo, apresentando-lhe o luxo ostensivo da corte, pago por esse mesmo Povo, como contraste offerecido á desolação, á doença, á fome e á servidão humilhante. Esse homem, audaz até á loucura, teve atrevimento e insensatez para isso tudo e das ferrugentas clavinas dos veteranos, encostadas aos cantos das esboraçadas casinholas do campo, d' essas clavinas que vomitaram fogo para estabelecer a monarchia constitucional, não saiu nem um projectil vingador de tamanha affronta.

E que o Povo portuguez está, embora o não queiram os senhores d' alto cothurno, verdadeiramente civilizado e espera da evolução o milagre que talvez se não opere sem o emprego da força e sem se organizar a monteria que ha de exterminar os lobos insaciaveis que sacrificam as ovelhas mansas.

Agora este mesmo sr. Fontes, medroso pela attitude energica dos republicanos, coagido pelo terror, affrontando todo o seu passado, apresenta um projecto de reformas politicas que não satisfaz as modernas necessidades da sociedade portugueza, sociedade que se civilisa e progride na senda illuminada pelo sol brilhante da emancipação popular.

A lei eleitoral, base de toda a corrupção, manto agasalhador dos leiloeiros de consciencias em nada se reformará. A representação das minorias continuará a não existir e o mandato imperativo, esse laço sagrado, contrahido entre o eleito e os eleitores, será prohibido, como se fosse possível prohibir a consciencia popular e a dignidade dos representantes serios da nação. O sr. Fontes não quer nada com o Povo, não deseja que se lhe prestem contas d' aquillo que é religiosamente d' elle, não quer contas com o Povo e lá tem as suas rasões. Para arrancar a camisa ao proletario, o salario ao trabalhador, e o capital ao argentario então anda ha uns sorrisos amaveis e umas verbosidades francas. Para dizer-lhes em que se desbarata tudo isso; bocca calada. Poderá! se não fosse assim como se explicariam as tractadas de Tancos, do Pimpão, da Penitenciaría, as salamançadas, a venda das nossas colonias, o crescimento espantoso

da divida, o roubo das propriedades pertencentes ás comunidades religiosas, os arranjos dos bens nacionaes e trinta mil patifarias mais, commettidas no periodo de 50 annos de reinação constitucional?

Outro artigo das reformas extingue a hereditariedade na camara dos pares. Pois se o sr. Fontes concebe que a successão em cargos politicos é um absurdo, porque não amplia este ponto até á magestade? Porque condemna o principio e não termina com todas as suas consequencias? Esta é uma lei de tarracha como a dos morgadios que se estendeu a todos, mas respeitou a casa de Bragança. Bellezas monarchicas, por *graça de Deus* sentidas e inspiradas.

E como estas são todas as outras reformas, entre as quaes sobreesae a que se refere á facilidade d' el-rei poder sair do paiz sem auctorisação do parlamento.

E esta é a unica parte sensata de todo aquelle aranzel. Prasa aos deuses que el-rei se lembre de sair em santa paz, acompanhado de toda a real familia, deixando este pobre Povo sem camisa, com pouca pelle, mas ainda com algum sangue, não se esquecendo de se fazer acompanhar do sr. Fontes e de todos os *caros e baratos* da choldra monarchica.

Real senhor, por Deus, tambem nosso senhor, ide, ide em paz o mais depressa possível e que os ventos vos sejam galernos. Podeis transport os mares a bordo do *Pimpão* e guardar lá essa preciosidade como lembrança da nossa pacatez e dos desvarios dos vossos conselheiros.

Por ultimo, nós não queremos cartas reformadas nem por reformar. Queremos o estabelecimento d' um governo honesto, que saia do Povo e que pugne pelos interesses do Povo. A monarchia está gasta e sem prestigio, abaixo a monarchia!

A nação que se não illuda com a nova farçada e nós, os luctadores convictos da reorganisação da patria, luctemos que vem perto o advento da nossa causa.

Hoje ainda tripudiaes, senhores reformadores da *carta adorada*, amanhã... veremos.

Coragem e lutar!

ERNESTO PIRES.

O voto

Nas feitorias, nas fazendas nos estabelecimentos onde impera ainda o vil trafico da carne humana, nos engenhos nas fabricas onde infame e abjectamente se rouba o suor dos nossos irmãos negros, ha sempre um dia em que o Senhor que usurpa impudicamente o trabalho dos seus escravos se mostra generoso e lhes concede a liberdade por esse dia.

Quando tal acontece o misero escravo saccode alegre o pescoco que sahio da *canga*, enfeita com os seus melhores andrajos o corpo azorragado na vespera, e, respirando a plenos pulmões, goza contente essas poucas horas em que é livre, em que é homem, em que está isempto do chicote do feitor.

Assim o povo, escravo eterno das vaidades e usurpações monarchicas, victima do roubo do seu suor feito pelos mastins da monarchia, joguete nas mãos dos que se dizem seus representantes; e como o escravo dobrado constantemente ao azorrague

dos impostos e tributos lançados para ostentações reaes, para engordar *paes da patria*, para viagens, para satisfazer caprichos da reallea, deve, no unico dia em que, como o escravo, é livre, fazer valer os seus direitos, mostrar que é senhor e não escravo, que o povo é rei, que o rei é nada!

Quando chegar esse dia!...

Povo! se honrado, se nobre, se rei!

Esse momento, esse dia em que fallámos é o das eleições; unico em que o povo é senhor, e como tal, bajulado pelos grandes, pelos nobres, pelos *senhores*!

N'esse dia occultam os vilões o chicote, trazem aos labios mentirosos um sorriso mais mentiroso ainda, dobram-se ao mais leve capricho do povo a quem mendigam nm voto!

E o povo tolo, simples, bom, recebe o beijo dos Judas, toma á boa fé o sorriso hypocrita, precursor de traição que lhes brinca nos labios, acceta o copo de vinho que lhe offerecem, faz a vontade ao compadre ou autoridade ou patrão ou amigo que lh'o exige ou pede; e vota no primeiro miseravel que se lhe depara sem consciencia, parvamente, contra si mesmo, contra a propria patria que elle povo ama e que é indifferente aos nobres, aos ricos e aos reis!

Se a patria nos é mãe commum não a abandonemos! Abandonal-a é um crime!

Se elles são falsos, vis e miseraveis, nós somos nobres, altivos e patriotas!

Se elles se vendem ao ouro estrangeiro, nós não nos vendemos porque temos uma patria e uma independencia a sustentar e a fazer respeitar, uma autonomia que conquistámos palmo a palmo á custa do nosso sangue, um passado sem mancha a apresentar á face dos mais gloriosos e valentes povos do mundo!

Povo portuguez! se abraças convicto esse hymno universal da Liberdade, se crês, como julgo, n'esse cantico sublime que o immortal Rouget de Lisle começou por — «Vamos filhos da patria» — não olvidemos nunca que essa patria te é mãe, que deves zelar por ella, que tens de sustental-a e fazel-a respeitar pelo estrangeiro! Lembra-te que essa mãe foi escrava durante 60 annos e repelle esses miseraveis que não duvidarão tornal-a captiva se o ouro do estrangeiro os comprar a elles que se vendem, a elles capazes de todas as infamias, a elles que não são povo!

Não julgue o povo que o aconselhamos á revolta, ás barricadas, ao derramamento de sangue com a evocação da *Marselhesa*. Não! A nossa missão não é de guerra e exterminio, é de amor e de paz! Não recordamos a *Marselhesa* como o hymno da revolta, mas sim o da Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

Se os governos precisam para se sustentarem nos seus carunchosos fauteils a aruaga, a cavallaria e o espancamento do povo a que elles cognominaram de carneiro, nós não precisamos para fazermos valer o nosso direito, a nossa vontade de recorrer a taes indignidades!

Basta que todo o cidadão se compenetre dos deveres que tem para com a patria e que não venda ou ceda a sua liberdade de voto e de consciencia!

Que se lembre que precisa de representantes que o representem, e não que só representem a vontade do governo e do rei!

Que se recorde, que, enquanto os representantes do povo não forem honestos e probos, a nação não pode também ser honesta e independente!

Que, como recae o opprobrio sobre uma familia da qual o chefe commetteu uma indignidade, assim reflecte immediatamente sobre uma nação os desvarios e vergonhas que pratiquem os que se intitulam seus representantes.

E' pois chegado o momento de mostrarmos que chegamos ao periodo da nossa vitalidade nacional, que não somos uns beocios a quem se afaga quando se precisa e a quem se espinha quando os servimos, que se nós temos direitos e deveres por sermos povo, elles também os teem, e mais deveres que direitos!

O Portugal!... tu que tens caminhado desde as mais remotas eras a par dos mais ricos e florescentes paizes nas artes, na navegação, nas industrias e commercio; que os avassallas nas descobertas, na heroicidade e nas tradições quererás ficar atraz n'esse caminhar incessante dos povos cultos para o Progresso e para a Liberdade?

Não o creio! E's orgulhoso bastante para não querer que ofusquem na historia com as infamias dos teus contemporaneos os feitos gloriosos e as acções illustres dos teus maiores!

Pois ha algum d'esses a quem tu hoje obedeces que valha um d'aquelles teus antepassados que escreveram em letras de ouro o seu nome nas paginas da historia não da sua patria mas do mundo inteiro? Não, de certo!

Se a avareza, a indolencia, o jesuitismo, o fausto e a hypocrisia dos teus reis, ó povo, teem-te manchado o nome, e empecido o passo na tua marcha para o Futuro, derriba-os e segue avante na tua senda gloriosa. Se os que te representaram até agora foram indignos da tua confiança, se abuzaram do teu crer, mostra-lhes que és tão justiciero quão amigo, e escolhe entre ti representantes dignos do nome que tens na historia brilhantissima dos povos!

Se o poder que te chama arruaceiro, garoto e carneiro te quer dominar, mostra-lhe que és tu só o unico poder e que elles são apenas automatos, marionettes, com que tu brincas a teu bello prazer!

Não ha rei, não ha governo, não ha poder que te faça vergar a cerviz altiva porque, repetimos, só tu és o verdadeiro rei, o verdadeiro governo e o verdadeiro poder!

E para provaros esta força, para mostrares essa vitalidade que te apontamos, basta que o teu voto seja o voto da tua consciencia, seja o mensageiro da tua propria vontade, seja a eleição de um homem honesto!

O partido republicano orgulhar-se-ha do povo portuguez no dia em que vir sentados nas cadeiras do poder apenas homens de brio, de honra e de vergonha!

E como n'esses homens está a salvação de Portugal, escolherás bem, ó povo, não vendendo a tua consciencia.

Avante pois!

Se um punhado de bravos redemiu em 1640, pelo ferro e pelo fogo, Portugal do aviltante jugo dos Filippes, mostremos ao mundo, que nós, na epocha actual, salvamos com a razão e o direito a patria,

do cháos em que inevitavelmente os nossos despoticos e impudentes governos querem lançal-a.

Mostremos-lhe, ainda mais, que sabemos comprehender os nossos direitos, que repellimos a authocracia brutal, que somos enfim um povo livre!

E. REIS.

J E H O V A H

Soturno Jehovah sombrio e mudo,
Vingativo, gratesco repellente,
Desce do alto, mistura-te c'oa gente,
Deita fora esse aspecto carrancudo.

Dizem que meltes o nariz em tudo,
Que estás a bramar sempre descontoite
E que não contas nem um só parente
Meu famulento velho barrigudo.

Nunca levou pente essa barba hirsuta;
Faz-me lembrar a natureza bruta
E as almas selvaticas e cruas.

Porem ha dias... (o está!) sonhei que ella
Poison na terra, e'qualida, amarella,
E como um varredor, varreua as ruas.

T. R.

C H R O N I C A

Passou o carnaval, o velho folião, e eis-nos em tempos tristes, de acerba e profunda melancholia.

O' deuses do olympo! Dae-nos coragem para supportar a nossa pesadissima cruz, adubada com bacalhau e regada com um vinho termo detestavel — aquelle vinho, que tu concebes, leitor amigo, ali do mercieiro, teu visinho...

Fallemos! Terrivel cousa sim! — fallemos!

Terminaram os tres dias de carnaval, o que não quer dizer que tenha terminado o carnaval politico de Luiz Gonzaga em que ha mais de meio seculo está immersa a patria de Alfonso Henriques, o glorioso de Lamego.

Não, amigo! O carnaval não terminou. O verdadeiro carnaval, o grande carnaval é este: a monarchia constitucional, distribuindo o paiz entre os afilhados gulposos; a monarchia constitucional, obedecendo ao compadrio insolente; a monarchia constitucional, enfim, mangando com o povo e fazendo do povo e da miseria um triste boné de feira.

De duas uma: ou o povo é tolo ou a monarchia é uma espartalhona. Invertamos, porém, os termos: o povo é fino e a monarchia constitucional uma pateta e teremos chegado ao nosso fim.

Abramos a janella e vejamos o que vae por esse mundo de sarrafaças e de intrigantes.

Camara dos deputados, primeiro que tudo.

Um verdadeiro charivari, berrata infernal, predominio da carneirada mansa, de Fontes, olympico.

Um deputado independente pergunta ao presidente a que horas se deve encerrar a sessão pelo regimento.

— As' 6 1/2 horas — responde o humilde servo de Luiz Gonzaga.

— E segundo a vontade de v. ex.ª — recalcitra o nobre deputado?

Nova vozzeria. Um deputado ministerial profere em altos berros uma palavra que senhoras não podem ouvir. Um chifrim de todos os diabos! A campanha presidencial sã. O imparcial presidente pretende abandonar o seu logar. Os secretarios de murro cerrado, ameaçam o nobre deputado. Um inferno! uma feira da lardra!

E afinal é no que se resume aquelle vasto *pandemonio* politico de intrigantes e de mediocres...

Camara municipal:

Esta honesta corporação approva a venda que os concessionarios querem fazer da concessão da praça da Figueira a uma companhia por cem contos de reis.

E ahi está como são administrados os interesses d'este nobre povo de Lishôa! Uma vergonha!

Atropella-se a lei, manga-se com a tropa, mas Osorio, o cavalheiro da Lapa, folga e os municipes choram.

E' o mesmo! Toda a questão se resume no *quem dá mais, quem dá mais* do leiloeiro politico, que é a purissima expressão, de resto, d'esta politica infamante e miseravel.

Quando te resolverás tu, ó zé, a ter juizo, ou melhor ainda a fazeres uso do teu valente marmelleiro para correr de uma vez para sempre esta matulla indigena?

Agora fallam-nos em reformas, os *birbantes*! como se elles deixassem reformar alguma cousa a não ser a propria razão com que enchem o ventre monarchico a mangedoura do orçamento.

O diabo é que, no meio d'esta bachanal immunda, o povo continúa a ser o ridiculo ludibrio d'estes farçantes sem pudor.

Sua alma sua palma. A cousa ahi está bem patente. Se querem ter juizo — muito tem! — vamos a isso. Cabrion aqui está ás ordens do zé, em tudo e para tudo.

Se não querem porém, deixem-se estar e esperem-lhe pela volta que ha de ser linda não ha duvida.

Pensa lá, ó zé, pensa lá o que te convém e falla, mas de uma vez para sempre sem receio nem hesitações.

E nós cá estamos, entendes?

CABRION.

EXPEDIENTE

GALERIA REPUBLICANA
Condições da assignatura

Os srs. assignantes do anno, receberão como brinde o almanach da *Galeria Republicana* para 1881.
Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis. As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o que não são satisfeitas.

LISBOA	
Anno ou 24 numeros.....	1\$500
Semestre ou 12 numeros.....	\$750
Trimestre ou 6 numeros.....	\$400
Numero aviso.....	\$100

PROVINCIAIS E ILHAS	
Anno ou 24 numeros.....	1\$600
Semestre ou 12 numeros.....	\$800
Africa e estrangeiro acresce o porte do correio.	
Brazil, anno ou 24 numeros (moeda forte).....	3\$000